



JÓIAS ARTESANAIS DE NATIVIDADE

JÓIAS ARTESANAIS DE NATIVIDADE

Créditos

Presidente da República do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Cultura

Gilberto Passos Gil Moreira

**Presidente do Instituto do
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Coordenador Nacional do Programa
Monumenta**

Luiz Fernando de Almeida

Coordenação editorial

Sylvia Maria Braga

Edição de texto

Caroline Soudant

Redação e Pesquisa

Rogério Furtado

Revisão e preparação

Denise Felipe

Design gráfico

Cristiane Dias/ Priscila Reis (assistente)

Fotos

Arquivo do Monumenta

(Wagner Araújo, Marco Antonio Galvão)

J741 Jóias artesanais de Natividade.
Brasília, DF: IPHAN/MONUMENTA, 2006.
84 p.: il.; 15 cm.
(Preservação e Desenvolvimento; 1)

ISBN – 85-7334-040-1
ISBN – 978-85-7334-040-2

1. Artesanato. 2. Jóias artesanais. 3. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 4. Programa Monumenta. I. Série.

CDD – 745.5942

JÓIAS ARTESANAIS DE NATIVIDADE

TOCANTINS | 1



Apresentação

Este pequeno livro pertence à série Preservação e Desenvolvimento, uma coleção de registro das experiências desenvolvidas pelo Programa Monumenta na área da promoção de atividades econômicas, de educação patrimonial, de formação profissional e de capacitação.

Na qualidade de programa do Ministério da Cultura para a recuperação sustentável do patrimônio histórico brasileiro, o Monumenta se propõe a atacar as causas da degradação de sítios históricos e conjuntos urbanos tombados e a elevar a qualidade de vida das comunidades envolvidas.

Assim, muitas das ações propostas no âmbito do Programa, com apoio de estados e municípios, vêm permitindo a essas comunidades descobrir o patrimônio cultural como fonte de conhecimento e de rentabilidade financeira, como meio, portanto, de inclusão social.

Esse novo conceito de preservação transformou alguns dos sítios beneficiados em pólos de atividades culturais, turísticas e de geração de empregos, garantindo ao mesmo tempo a conservação sustentada de nosso patrimônio e melhores condições de vida para quem trabalha ou vive ali.

É uma dessas experiências que você vai conhecer agora.



Introdução

Durante o ciclo do ouro, um número considerável de povoações apareceu pelo interior do Brasil. Algumas tiveram existência efêmera, sumindo assim que se esgotaram os veios auríferos. Em geral, as remanescentes passaram a viver das atividades rurais. Uma delas foi Natividade, no Tocantins, um dos mais importantes núcleos de garimpo na primeira metade do século 18. Há quem diga que a mineração nos arredores do arraial chegou a ter 40 mil escravos em seu apogeu, alcançado por volta de 1745. A partir de 1770, por mais de 200 anos, o lugar permaneceu em relativa obscuridade, embora a produção de ouro jamais cessasse.

Garimpeiros vêm trabalhando na região, por sucessivas gerações. O que apuram do metal são pequenas quantidades, retiradas de galerias escavadas nas encostas de serras localizadas nas vizinhanças. Boa parte da produção vai para Natividade, como matéria-prima de jóias artesanais, confeccionadas segundo a técnica da filigrana, desenvolvida em tempos remotos por civilizações mediterrâneas. Essa técnica chegou muito cedo a Portugal, levada por colonizadores fenícios.



De lá veio para o Brasil. É provável que tenha alcançado Natividade ainda durante a corrida ao ouro. A longa tradição da ourivesaria nativitana esteve perto do fim há alguns anos. Os velhos artesãos estavam desaparecendo sem deixar herdeiros. Mas a Associação Comunitária Cultural de Natividade - Asccuna, instituição cultural da cidade, reagiu, organizando um curso para aprendizes em 1996. Desde então, o número de jovens artesãos aumentou. E as perspectivas para as jóias de Natividade são muito animadoras. É o que ficou demonstrado por um projeto de apoio financiado pelo Programa Monumenta do Ministério da Cultura e pelo governo de Tocantins.

Luiz Fernando de Almeida
Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Tradição de futuro



Tradição de futuro

O arraial de Natividade da Mãe de Deus brotou há quase 300 anos, no que hoje é o estado do Tocantins, em meio ao rebuliço da corrida ao ouro das “minas dos Goyazes”. O alvoroço durou pouco em termos históricos. Bastaram algumas décadas para que o metal de aluvião se esgotasse. Por volta de 1770, a povoação não teve alternativa senão recolher-se a uma vida recatada, na placidez do ambiente campestre. O pastoreio de bovinos firmou-se como atividade econômica dominante. E assim permanece até hoje. Mas o ouro não acabou. Em média, poucos gramas por metro cúbico de minério ainda estão por ali, ocultos no interior de algumas serras. São estruturas que restaram de montanhas arqueanas, quase tão velhas quanto a própria Terra, corroídas pela natureza no decorrer das eras geológicas.

Mesmo esquivo, o ouro tem sustentado gerações de faiscadores, que o perseguem com aquele misto proverbial de obstinação e esperança que lhes é próprio. As pequenas quantidades do metal trazidas à luz do dia são a matéria-prima que supre outra atividade implantada na cidade, talvez ainda no auge da mineração – a joalheria artesanal, baseada na técnica da



filigrana, que já era utilizada por alguns povos mediterrâneos há vários milênios. Portanto, das elevações próximas ao casario, quase tudo é antigo em Natividade.

A antiguidade, isolada, não é patente capaz de assegurar a sobrevivência de qualquer patrimônio histórico, ou de uma tradição multissecular. A linhagem de artesãos da cidade, sucessora de ourives portugueses que chegaram nos calcanhares dos garimpeiros, esteve perto de uma ruptura irreparável nos anos 1980/90. Embora a perícia dos poucos mestres remanescentes fosse



inquestionável, não havia aprendizes. Depois, engastados na tradição, aqueles mestres viviam de reproduzir motivos tradicionais em suas criações.

Como se sabe, os modismos tangem a voracidade do consumismo moderno. Além de atrair herdeiros para a sucessão, passo essencial naquele momento, os joalheiros nativitanos, sem perder a identidade cultural, precisavam ampliar e renovar a linha de produtos, e também adequar suas práticas comerciais aos novos tempos. Assim poderiam manter a tradição, e mais adiante abrir uma clareira confortável na selva do mercado.



Focantins
BRASILE

TARACA

NAO FUME

FOCOANTE



De fato houve uma correção de rumos bastante trabalhosa, nascida de uma ação apoiada pelo Programa Monumenta, cujo objetivo principal é atacar as causas da degradação do patrimônio cultural, entre elas o baixo nível de atividade econômica que em geral caracteriza os sítios históricos. Graças à soma de esforços que se descreverá mais adiante, não há mais dúvida de que Natividade continuará conhecida por suas jóias filigranadas. Na Ourivesaria Mestre Juvenal trabalham dez profissionais – a maioria formada nos últimos anos, na própria oficina. Todos se mudarão em breve para um prédio histórico que está sendo restaurado pelo Programa Monumenta. Após a mudança, espera-se que uma turma de aprendizes venha logo a ocupar as instalações atuais. Com isso, o número de artesãos-joalheiros poderá ser duplicado em poucos anos. A chegada dos reforços será bem-vinda para aumentar a oferta de produtos. Hoje, encontrar uma jóia nativitana para pronta entrega está quase tão difícil quanto procurar ouro nas cercanias.

Promessa cumprida



Promessa cumprida

Por sorte, quando as perspectivas se tornavam sombrias, a menina Simone Camêlo Araújo prometeu a um tio-avô, Juvenal Rodrigues Cerqueira, ourives renomado, que não deixaria morrer as jóias de Natal. Os motivos religiosos predominavam na produção de Cerqueira, que era comprada pelos católicos. Destacavam-se os trabalhos em chapas de ouro – na época, a filigrana permanecia em segundo plano.



Em 1990, com diploma de economista, pós-graduada em cooperativismo e com experiência de trabalho no governo de Goiás, Simone voltou para a cidade. Não tinha planos definidos. Envolveu-se com a administração de negócios da família e começou a atuar como voluntária em projetos da comunidade. Por fim, liderou o movimento que fundaria a Asccuna –



Associação Comunitária Cultural de Natividade, em 1992, para agrupar algumas pessoas que já atuavam nessa área, preocupadas com a preservação do patrimônio cultural. Para ela, chegara a hora de cumprir a promessa feita ao tio-avô artesão, falecido em 1979.

Os mestres Abisania Ferreira Gomes (Bisa) e Joaquim Valdeídes Carvalho (Wal) resolveram ajudar. Ambos foram criados em Natividade e também eram admiradores de Juvenal Cerqueira. Na infância, acostumaram-se a observar, fascinados, o artesão veterano debruçado sobre a bancada, às vezes concentrado na arte de tecer delicados fios de ouro. Mas não puderam





aprender com ele. Fariam isso mais tarde, em Goiânia, com um discípulo de mestre Juvenal. Retornaram a Natividade no começo da década de 1990. Convidados por Simone, associaram-se à Asccuna e aceitaram participar do projeto Oficina Mestre Juvenal, para ensinar, a jovens aprendizes, as técnicas fundamentais da ourivesaria. Essa primeira experiência foi tentada em 1996, com doze alunos. Contudo, por falta de recursos, o projeto não prosperou. Mas dessa bateada inaugural ficaram dois aprendizes.

Enquanto isso, a Asccuna procurava garimpar recursos e financiar o projeto. Em 1998, a Embaixada Britânica acudiu com dinheiro suficiente para comprar seis bancadas completas para aprendizes.



Doze alunos se apresentaram para a matrícula. Por essa época, os próprios mestres deram um passo adiante, incorporando a técnica de fundição à rotina da ourivesaria. Ao mesmo tempo, retomaram a confecção de algumas peças em filigrana, que estavam um tanto esquecidas – brincos, corações e um peixe maleável, conhecido como “peixa”. A coleção também foi ampliada com a criação do anel do divino, brincos em filigrana e pedras arrendadas. Outras iniciativas se sucederam, dentre elas a exposição das jóias em alguns eventos, com o apoio de diversas entidades. E o trabalho da oficina-escola começou a aparecer na mídia. A situação estava madura para a entrada do Monumenta.

De olho no mercado



De olho no mercado

O Projeto de Apoio às Jóias Artesanais de Natividade, sob a responsabilidade da Fundação Cultural do Estado do Tocantins, foi aprovado pelo Programa Monumenta em 2004. Trata-se de uma ação paralela ao projeto de restauração do patrimônio histórico que está em curso na cidade. Assim, em dezembro daquele ano, o *designer* Lars Diederichsen desembarcou em Natividade, contratado pelo governo estadual para analisar a situação e propor uma série de medidas destinadas a fortalecer e garantir a sustentabilidade da produção artesanal das jóias nativitanas.

Diederichsen é alemão. Formou-se em desenho industrial, em Kiel, após um curso técnico de marcenaria numa empresa local. Veio para o Brasil em 1993, gostou do país, aprendeu a língua, e resolveu ficar. Chegou a integrar empresas e instituições dedicadas a apoiar comunidades interioranas em seus esforços para gerar renda e oportunidades de trabalho, a partir dos conhecimentos e habilidades de seus habitantes.

O parecer de Diederichsen foi entregue no princípio de 2005. No documento, o consultor deixou claro que o empreendimento joalheiro de Natividade reunia as condições essenciais para deslanchar. O acesso à matéria-prima é fácil, e os artesãos, competentes, produzem jóias de alto valor agregado, com uma técnica quase esquecida e pouco difundida no Brasil. Existe mercado, a produção, por seu valor cultural, está isenta de impostos no Tocantins, e o projeto é visto com simpatia por ter alcance social.

Mas os problemas típicos das organizações em formação também estão presentes. A oficina é pequena. A falta de espaço impede que as pessoas se desloquem com facilidade em seu interior. Nessas circunstâncias, a presença de visitantes interfere ainda mais no trabalho, pois impede a concentração dos joalheiros. Os profissionais são capazes de operar em grupos, mas, como é próprio do artesanato, a produtividade de cada um é variável, dependente da habilidade e experiência individuais. Disso resulta um volume de produção irregular, para um mercado restrito, marcado pela sazonalidade da procura. Embora a grande maioria das jóias seja feita por encomenda, é nas férias e durante as festividades locais que as pessoas mais realizam suas compras.









128

Algumas dessas dificuldades podem ser resolvidas intramuros. A resposta para a questão da falta de espaço está na mudança para o novo endereço, cujo edifício está sendo restaurado pelo Monumenta. O término das obras está previsto para o início de 2007.



Aqui vale a explicação. O Programa Monumenta atua sempre em duas vertentes: na recuperação física de sítios ou conjuntos urbanos sob proteção federal e, simultaneamente, no desenvolvimento de atividades compatíveis com manutenção autônoma da área restaurada. É o que está acontecendo em Natividade. A restauração da antiga cadeia, atual sede do Pelotão Militar, e do edifício do Museu, por exemplo, dará origem a um espaço integrado em que, além do Museu, funcionará o Centro de Artesanato e de Apoio ao Turista, com a ourivesaria e uma loja para vendas de artesanato. Ao determinar uma nova estruturação da paisagem urbana e das atividades ali desenvolvidas, pretende-se garantir sustentabilidade para a preservação da área e melhores condições de vida para seus habitantes.

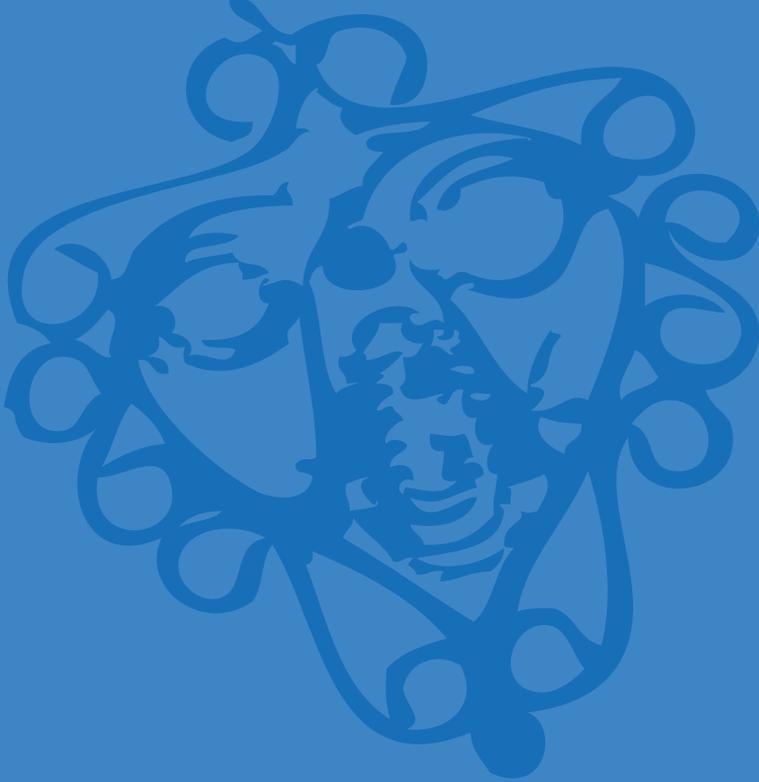


Quanto a organizar a produção, de modo a alcançar maior rendimento com a divisão de trabalho, é algo que está ao alcance dos próprios artesãos. Depois, impõe-se analisar custos e preços, para que a receita possa cobrir as despesas, remunerar os profissionais e deixar saldo para a formação de capital de giro e de investimento. Sem capital acumulado, não será possível elevar a escala de produção.

Feito isso, a casa estará em ordem para a fase mais ambiciosa do projeto: a de expansão do mercado. Para essa etapa já foram criados marca, catálogo, mostruário, etiquetas, certificados de origem, embalagens, *site* na internet, além de estratégias de distribuição e logística. Tudo para facilitar o contato com a clientela potencial, a ser feito por meio do comércio varejista.

O Projeto de Apoio às Jóias Artesanais de Natividade favoreceu a criação de quatro novas linhas de produtos, além de permitir os ajustes técnicos e uma redefinição de medidas para a linha Religiosa que já existia. As linhas Capim-dourado e Cerrado explorarão a flora regional, e a Natividade será inspirada na arquitetura e nos elementos iconográficos da cidade. Segundo o consultor, “essa linha constitui o elo de ligação entre o resgate dos traços tradicionais encontrados em fachadas, janelas, portas etc., e o olhar moderno, sintético. Para sua ampliação, outros *designers* poderão ser convidados a interpretar o espírito e os traços nativitanos, que são patrimônios a serem preservados e valorizados”.





Cooperar é preciso



Cooperar é preciso

Os resultados obtidos até agora julgam-se muito satisfatórios. Fora os mestres Wal e Bisa, a Ourivesaria tem oito profissionais que produzem jóias. “Já não são mais aprendizes. E o projeto lhes permite ter renda bem superior à média da cidade. Natividade é pequena e não oferece muitas oportunidades de trabalho aos jovens”, analisa Simone Araújo, que se declara pronta a seguir adiante. Há obstáculos pelo caminho, mas isso não chega a ser novidade: o projeto, de longo prazo, sofre com a falta de capital de giro, entre outras deficiências que não é possível sanar de uma hora para outra.

“Nessa caminhada de dez anos recebemos o apoio de vários parceiros. Cada contribuição significou a subida de um degrau. Agora iremos precisar de mais investimentos para montar a segunda oficina e oferecer um curso para novos aprendizes. Mas captar recursos é sempre difícil, porque as pessoas tendem a não enxergar a importância do projeto cultural que está por trás de nossa ourivesaria. E formar um artífice exige tempo. Os custos são altos, e os resultados, demorados. No entanto, o repasse desse saber – a arte de confeccionar jóias – vale muito mais do que o tempo e os recursos que já foram investidos. E isso está assegurado com o projeto da ourivesaria Mestre

Juvenal. Ficamos felizes quando algum parceiro coopera com essa importante iniciativa para a preservação do patrimônio cultural de Natividade”.

A formação de mais joalheiros é importante, por dois motivos. De um lado, há a necessidade de aumentar a produção. De outro, é preciso definir um estatuto jurídico para a Ourivesaria Mestre Juvenal, providência indispensável no mundo dos negócios. Para a tomada de empréstimos, emissão de notas fiscais, contratação de pessoal etc. Simone considera o cooperativismo o melhor sistema de organização. Mas a lei exige que vinte sócios participem da fundação de uma cooperativa, número que poderá ser alcançado, se mais uma turma de aprendizes se formar dentro de poucos anos.

A divulgação das jóias de Natividade, ainda que esporádica, tem apresentado resultados encorajadores. Algumas empresas joalheiras de grande porte, que também atuam no mercado internacional, já deram sinais de que poderiam ser parceiras no comércio. Contudo, Simone observa: “Se fechássemos um acordo com uma dessas redes, não poderíamos produzir para mais ninguém. Temos dificuldade para atender a demanda atual. É difícil encontrar produtos acabados na oficina. Não foi possível nem mesmo manter um mostruário na Mestre Juvenal. A clientela não se conformava em sair dali sem levar as peças”.



Outro prenúncio estimulante para a ourivesaria nativitana surgiu com uma visita de empresários portugueses à cidade. Eram representantes comerciais de Gondomar – o centro mais importante da joalheria portuguesa. Foi de lá que a técnica da filigrana foi trazida para o Brasil. Os visitantes ficaram encantados com o que viram. Hoje, grande parte da filigrana portuguesa é feita com máquinas, e as jóias tradicionais de Natividade são praticamente idênticas às que se produziam em Portugal anos atrás.

Essa é uma característica que, ao lado do elevado padrão de qualidade, naturalmente valoriza e faz sobressair a produção local. Os gondomarenses ficaram atraídos sobretudo pelas chamadas pulseiras “escravas”, que são muito bem trabalhadas e atraentes. Elas têm história: no passado, as mães nativitanas gostavam de usar essas pulseiras com vários anéis – tantos quantos fossem seus filhos.



A arte da filigrana



A arte da filigrana

O ouro das cercanias alimenta a pequena indústria artesanal e enriquece o folclore de Natividade. De vez em quando, no alto das serras vizinhas são vistas bolas de fogo se deslocando pelo ar. Provavelmente se trata de fogo-fátuo. Ou do boitatá, como queriam os índios: a cobra de fogo, entidade fantástica relacionada com tesouros ocultos, dentre várias outras interpretações. Os garimpeiros tocantinenses quando vêem uma delas dizem que o ouro está de mudança. E tentam acompanhá-lo em suas escavações, seguindo a trajetória do fogo-fátuo. O ouro de fato muda: das galerias de minas, que ficam no município vizinho de Chapada da Natividade, para a ourivesaria.

Antes é separado da prata, à qual costuma estar associado. Essa tarefa é realizada pelos garimpeiros. Depois, esses metais serão novamente unidos pelos artesãos na forma de ligas: o ouro puro é muito maleável, sujeito a deformações, não sendo indicado para a confecção de jóias. O ouro em pó, ou em grânulos, é derretido na oficina, com o auxílio de maçaricos. Em seguida, é derramado num molde, de onde sai com a forma de lingüeta.

A laminação é a próxima etapa do trabalho. De lâminas muito delgadas se produzem fios igualmente muito finos, que serão torcidos dois a dois. Esse fio duplo, achatado, apresentará laterais serrilhadas – a característica básica da filigrana. Os caixilhos das jóias, feitos de ouro e prata, qualquer que seja seu formato (flores, coração etc.), serão preenchidos com “bordados” desses fios duplos achatados. O trabalho exige perícia e muita paciência do artesão. A peça é finalizada com a fixação dos diversos elementos por meio de solda.

Cada jóia produzida traz em si as marcas da evolução das técnicas ao longo de milhares de anos. Achados arqueológicos sugerem, por exemplo, que antigos habitantes da Península Ibérica produziam objetos de ouro há cerca de quatro mil anos, conforme relato de Maria José de Sousa, historiadora portuguesa. A técnica se resumia ao simples martelar do metal. Depois, foi desenvolvido o recozimento, um processo de aquecimento que permite trabalhá-lo com maior facilidade. Mais adiante, surgiram os moldes e métodos de soldagem, seguidos pelo aparecimento de fios de seção quadrada, torcidos sobre si mesmos. Esses avanços permitiram a assimilação das técnicas de ourivesaria dos conquistadores fenícios que, na bagagem, trouxeram a arte de produzir jóias filigranadas.





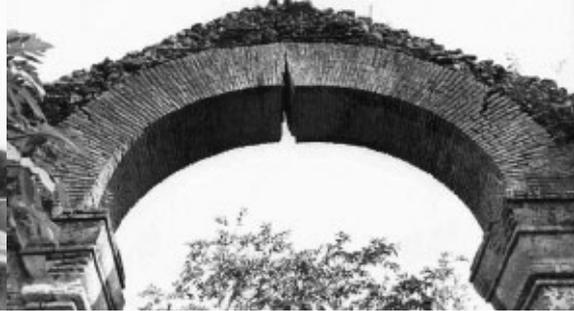
Brilho fugaz



Brilho fugaz

Os portugueses nunca deixaram de sonhar com o ouro da Terra de Santa Cruz, desde o desembarque de Cabral. Mas tiveram de engolir a ansiedade por quase dois séculos, até que, em 1690, as primeiras notícias positivas chegassem do território que viria a ser Minas Gerais. Os sinos repicaram mais uma vez, alguns anos depois, saudando as descobertas em Mato Grosso. Elas anteciparam outras: se Minas Gerais e Mato Grosso entregavam o ouro, Goiás não teria por que escondê-lo.

Para testar esse palpite tão razoável, Bartolomeu Bueno da Silva deixou São Paulo com sua bandeira, em julho de 1722. Ao regressar, em 1725, o bandeirante trouxe a boa nova: topara com o metal em Araés (antiga denominação do Brasil-Central). Foi o sinal de largada para o *rush* que logo alcançaria a área do atual Tocantins. Ali, entre 1730 e 1740, vários arraiais surgiriam na trilha da fortuna. Junto com eles, cresceram os olhos da Coroa Portuguesa sobre os aluviões.



De imediato, vieram medidas para acelerar o trabalho nas lavras e refrear a vocação irreductível do ouro para o descaminho. Atividades como o cultivo da terra e a criação de animais foram desencorajadas por impostos exorbitantes. Assim, as minas teriam preferência na absorção de mão-de-obra escrava. As idas e vindas só eram autorizadas através da rota vigiada que ligava a região a São Paulo. Também foi proibido navegar pelos rios.

Para fechar o arcabouço da máquina de arrecadação e de combate ao contrabando, as prestimosas autoridades coloniais despejaram sobre o território a habitual profusão de leis, alvarás, cartas régias, provisões e ameaças. Mesmo assim, a Coroa só apurou o quinto de alguma coisa muito distante da totalidade do ouro recolhido nas bateias.

A produção goiana foi ascendente entre 1726 e 1735. No período, o ouro aluvial era desentocado por toda a região, com produtividade



impressionante. Depois, os rendimentos entraram em lento declínio. Por sua vez, a arrecadação de impostos apresentou altos e baixos até 1779. Dali em diante caiu de forma abrupta. É certo que houve tentativas de descobrir novas jazidas, ainda no século 18. Os itinerários de duas bandeiras são conhecidos. Contudo, ao invés do ouro, os expedicionários encontraram argumentos convincentes para voltar: os flechaços e bordoadas dos índios.

Esgotados os aluviões, restou a possibilidade de faiscar nas minas antigas. Devido aos baixos rendimentos, essa prática, que resiste até hoje, não poderia substituir a mineração em larga escala. A economia regional entrou em crise, principalmente no Tocantins, mais distante, onde a população se voltou para as atividades de subsistência. Quando o governo colonial decidiu levantar os empecilhos ao livre trânsito de pessoas e mercadorias, inclusive pelos rios, numa tentativa de dinamizar as trocas com o Norte do Brasil, era tarde demais para evitar a crise.



Natividade hoje



Natividade hoje

Natividade foi fundada em 1734 por Antônio Ferraz de Araújo, sobrinho de Bartolomeu Bueno da Silva, o descobridor do ouro em Goiás. Segundo alguns historiadores, em 1745, a povoação contava 40 mil escravos nas áreas de mineração, o que a tornava um dos garimpos mais importantes da colônia. Com a exaustão das jazidas, por volta de 1770, o povoado deixou de ser fonte de preocupações para os agentes do fisco. Mas também deixou de ser fonte de lucros. Logo cairia no esquecimento. E por mais de 200 anos sua história registrou poucos fatos que ecoaram além das fronteiras municipais ou regionais. Um deles foi a passagem da Coluna Prestes, que tomou a cidade em 1925.

Dos velhos tempos sobraram nos arredores as marcas da mineração e trilhas pavimentadas com pedras, além de ruínas de moradias. São atrativos turísticos que se completam com cachoeiras e piscinas naturais. Mais importante é o centro histórico urbano, tombado com o conjunto paisagístico do entorno pelo IPHAN, em 1987. Ali, algumas igrejas e o casario resistiram bem à passagem dos anos. Natividade, portanto, é um convite permanente a um passeio pela era colonial.

Nas ruas, por vezes irregulares, as casas de pé-direito alto foram construídas lado a lado, com adobe, sobre bases de pedra. As telhas do tipo capa e canal, assentadas sobre madeiramento roliço, são uma constante nas coberturas. Com o tempo, o chão batido das origens foi substituído, em geral, por pisos rústicos de cimento queimado. Mas houve outras modificações.

Como se recorda, encerrado o capítulo da exploração do ouro, Natividade só não desapareceu, a exemplo de outros arraiais de garimpo, por causa das atividades agropecuárias que se expandiram no século 19. Elas, de certa forma, cobraram seu tributo: hábitos e características da vida rural migraram para a área urbana. Os quintais foram transformados, ganhando algumas construções: cômodos para a guarda de arreios, paióis, abrigos para o gado e ranchos para tropeiros e peões, dentre outros acréscimos. Nessa época, algumas fachadas receberam ornamentos, como sinais da relativa prosperidade dos proprietários.

O casario simples compõe um todo harmonioso com as igrejas que, além de despojadas, apresentam dimensões igualmente modestas. A mais importante é a matriz de Nossa Senhora da Natividade. O templo foi construído em 1759, para receber uma imagem de N. S. da Natividade, padroeira do



Tocantins, que ainda abriga. Destacam-se também a pequena e acolhedora igreja de São Benedito, restaurada recentemente pelo IPHAN, e as ruínas da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, jamais concluída: erguidas as paredes e posto o telhado, acabaram-se os recursos, junto com a mineração.

O turismo como alvo



O turismo como alvo

Atualmente, a matriz e as demais edificações tombadas são alvos da atenção do Programa Monumenta, desenvolvido pelo governo brasileiro, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento. O objetivo do Monumenta, já se viu, é a recuperação sustentável do patrimônio histórico urbano brasileiro. O conceito de sustentabilidade, no caso, está relacionado ao fato de que um monumento, ou um conjunto restaurado, sempre irá necessitar de manutenção. O ideal é que a comunidade a que pertence, consciente de sua importância cultural e econômica, disponha de recursos próprios para mantê-lo, sem necessidade do aporte de recursos públicos. Ou, por outra, que as próprias atividades econômicas desenvolvidas nesses sítios garantam sua manutenção.

Natividade, por exemplo, tem grande potencial turístico. Explorado de forma adequada, o turismo deverá melhorar o padrão de renda da população e dar à municipalidade, por meio da arrecadação de impostos e taxas, os meios necessários para a conservação da herança comum. Dessa herança fazem parte as construções coloniais, a paisagem circundante, tradições e saberes acumulados.



O orçamento do Monumenta para Natividade é cerca de R\$ 2,57 milhões. Desse total, aproximadamente R\$ 1,5 milhão se destina a intervenções em igrejas, na casa de cultura, no centro de artesanato e a melhorias nas praças e arruamentos do centro histórico. A outra parte da verba – R\$ 720 mil – está reservada para financiar a recuperação de imóveis residenciais, compondo o fundo de preservação do município. Para esse fundo, além dos recebimentos dos empréstimos aos proprietários de residências, entrarão futuramente parte da receita tributária e das taxas cobradas pela concessão de uso de espaços públicos ou de monumentos

à exploração privada. Já os recursos para o Projeto de Apoio à Produção de Jóias Artesanais de Natividade desenvolvido entre os meses de dezembro de 2004 e maio de 2005 chegaram a cerca de R\$ 50 mil.

As condições são favoráveis ao aumento do turismo em Natividade, que fica a 650 quilômetros ao norte de Brasília. Não apenas porque se trata de cidade histórica, com belezas naturais: suas festas religiosas já são freqüentadas por muita gente e sua localização lhe permite atrair o fluxo crescente de pessoas que transitam pelo Tocantins, em busca do Jalapão, ou de outras regiões do Brasil-Central.





Preparando o terreno



Preparando o terreno

As intervenções do Monumenta em Natividade foram precedidas de minucioso levantamento de dados sócio-econômicos. Grande parte dos ocupantes de centenas de imóveis do centro histórico receberam visitas de uma equipe de entrevistadores. Na época, constatou-se que a maioria das edificações se encontrava bem conservada. Pelo menos estava pintada, com portas e janelas em bom estado. Não apresentava rachaduras nas fachadas, nem sinais de vazamentos. A pesquisa também mostrou que os nativitanos, majoritariamente, não acreditavam que a preservação do patrimônio histórico pudesse beneficiar a cidade.

Mas essa atitude não tardaria a mudar, de acordo com Simone Araújo, que se tornou a coordenadora do Monumenta em Natividade. A representação local do Monumenta, por meio de edital público, acabou recebendo dezenas de propostas dos proprietários interessados em recuperar suas casas. Era necessário destinar recursos para a restauração dos imóveis privados, dada a importância do casario no conjunto arquitetônico tombado. Criado por lei municipal e regulamentado no último trimestre de 2005, o Fundo de

Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Natividade (Fuppac) estava pronto para entrar em ação.

O Fuppac tem um conselho curador que direciona a aplicação dos recursos, mas as operações de crédito são realizadas pela Caixa Econômica Federal. Seis meses após a conclusão das obras de restauro, o proprietário do imóvel começa a pagar as prestações. O prazo do financiamento é dilatado: o Monumenta admite a contratação de empréstimos por até 20 anos. Os recursos referentes às parcelas quitadas vão para a conta do Fuppac, sendo repassados a outros interessados. Em Natividade, a primeira licitação aprovou 48 projetos, com valor médio da ordem de 12 mil reais – todos com 15 anos de prazo. As ações podem envolver a recuperação das fachadas, cobertura das residências, partes da estrutura e rede elétrica. Os valores liberados foram relativamente baixos, mas resultaram em impacto muito positivo na cidade.

Simone comenta: “Nunca vendemos o peixe falando que se tratava do cardume inteiro. Ou seja, as pessoas não terão o imóvel inteiro restaurado, por causa da limitação de renda. Por isso mesmo, a maior parte das prestações oscila entre 50 e 90 reais por mês. Todos os proprietários vão arrumar a fachada, o telhado e a parte elétrica das casas. Em alguns casos



haverá troca total e, em outros, reaproveitamento. Mas é interessante observar o efeito causado: como as casas ficam uma ao lado da outra, o contraste é muito forte quando se tem uma fachada ‘nova’ no meio de várias ainda por reformar. Imagino que isso irá estimular os demais proprietários a se interessarem pelas restaurações. Por isso, acreditamos que em breve Natividade terá feições muito melhores, com um nível de conscientização, quanto à importância do patrimônio histórico, muito mais elevado”.

Bons aliados



Bons aliados

Após o longo período de letargia, Natividade está acordando para seu potencial turístico, disposta também a aproveitar o que existe nos arredores. Por exemplo: a romaria do Senhor do Bonfim, a maior do Tocantins, acontece no povoado de Bonfim, que fica a apenas 24 quilômetros. Além de prover hospedagem para um bom número de romeiros, Natividade quer lhes oferecer uma das delícias de sua culinária: o amor perfeito, biscoito de polvilho doce, feito com leite de coco e manteiga. Nos eventos de divulgação do Tocantins, o amor perfeito costuma figurar com destaque ao lado das jóias filigranadas. É muito provável, como costuma acontecer, que outros atrativos surjam com o estabelecimento de um fluxo de turismo regular.

A cidade se prepara para recebê-lo. Além das ações do Monumenta, a prefeitura procura tomar iniciativas, firmando parcerias com diversas entidades. Alguns projetos estão prontos. Um deles é o Trilhas de Natividade, cujo objetivo é promover melhorias na sinalização e nos caminhos que dão acesso às ruínas arquitetônicas e aos pontos turísticos dos arredores (cachoeiras, por exemplo). O Sebrae-TO também fez uma análise do município com vistas à implantação do suporte necessário ao ecoturismo.





Natividade formulou e aprovou, de forma participativa, seu Plano Diretor Urbano. E quer investir em melhorias. Dentre elas, a construção de uma rede de esgotos e rede elétrica subterrânea. A área tombada pelo IPHAN terá prioridade na instalação. Com a Embratur e o governo estadual, no âmbito do Plano Nacional de Municipalização do Turismo, Natividade pretende capacitar mão-de-obra para o turismo e conscientizar a população de sua importância para a economia do município. O plano foi entregue à prefeitura, sob cuja responsabilidade também está a implementação da lei que criou o Fundo Municipal de Turismo, que prevê a formação do Conselho Municipal de Turismo. As festas tradicionais do município são apoiadas pelo governo estadual e a prefeitura, com participação da Asccuna, da igreja católica e da comunidade.

Com o Banco da Gente, o governo estadual, por meio da Secretaria de Ação Social, em parceria com a prefeitura, está financiando alguns microprodutores urbanos e rurais, artesãos, feirantes e prestadores de serviço. A linha de crédito se destina preferencialmente aos que desenvolvem suas atividades no próprio domicílio. Natividade já tem uma associação da agroindústria.



Como se vê, o projeto de apoio à produção de jóias artesanais do Programa Monumenta integra um feixe de ações bastante fértil. Constituiu uma ação transversal com a recuperação física da área tombada de Natividade – também a cargo do Programa em parceria com os governos estadual e municipal –, que vem contribuindo efetivamente para que a cidade e seus moradores se qualifiquem em termos sociais, econômicos e culturais.



Projeto

Apoio à Produção de Jóias Artesanais de Natividade

Financiador

Programa MONUMENTA / MinC

Realizador

Fundação Cultural do Estado do Tocantins

Objetivo: fortalecer, preservar, gerar renda e garantir a sustentabilidade da produção artesanal de jóias em Natividade

Atividades

Organizar juridicamente os artesãos de Natividade com o objetivo de nortear as ações de crescimento da atividade econômica.

Desenvolver 5 linhas de produtos.

Elaborar, validar e aplicar plano de marketing para a inserção das jóias no nicho de mercado específico.

Projetar embalagens, folder e etiquetas (certificado de origem) e material de apresentação (mostruários)

Período de execução

Dez/04 a mai/05.



Banco Interamericano
de Desenvolvimento



MONUMENTA



Ministério
da Cultura



